

Uma discussão sobre condicionamentos semânticos do uso do objeto nulo no português brasileiro

A discussion on the semantic constraints in the use of the null object in Brazilian Portuguese

Ivanete Mileski*

**Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)*

Resumo: Não saliente ao falante nativo do português brasileiro (PB), o fato de podermos nos referir a uma categoria apresentada anteriormente na situação discursiva mediante uma categoria foneticamente nula na posição de objeto tem sido abordado em diferentes pesquisas. Entre as pesquisas que investigam o objeto nulo (ON) no PB, parece haver ao menos duas questões ainda não consensuais: uma delas diz respeito aos condicionamentos semânticos para o uso do objeto preenchido ou nulo, isto é, ao papel de traços como animacidade e especificidade do referente; a outra questão se refere à classificação do ON no PB, ou seja, a que tipo de categoria vazia o objeto nulo corresponde. Neste texto pretendemos retomar brevemente a questão que envolve as restrições semânticas de uso do ON ou objeto preenchido mediante uma análise de resultados de estudos sobre ON no PB. O trabalho não adentra em dados diacrônicos nem na natureza do objeto nulo no português, mas limita-se a explicar de forma breve o fenômeno e, posteriormente, discutir os condicionamentos semânticos para o uso de ON ou preenchido. A partir das pesquisas analisadas, é possível notar que o preenchimento ou não da posição de objeto depende de fatores como animacidade, especificidade e gênero semântico do referente.

Palavras-chave: Objeto nulo. Condicionamentos semânticos. Português brasileiro.

Abstract: Not prominent to the native speaker of Brazilian Portuguese (BP), the fact that we can refer to a category previously presented in the discursive situation through a phonetically null category in the object position has been addressed in different studies. Among the studies that investigate the null object (NO) in BP, there seems to be at least two issues not yet agreed: one concerns the semantic constraints to the use of the completed or no object, that is, the role of traits such as animacy and specificity of the referent; the other issue relates to the classification of NO in BP, or what kind of empty category the null object corresponds. In this paper we intend to briefly return to the question involving the semantic constraints of NO use or object filled by a study of results of analysis of NO on the PB. The work does not enters in diachronic data or in the nature of the null object in Portuguese, but merely to explain briefly the phenomenon and subsequently discuss the semantic constraints to the use of NO or filled. From the analyzed studies, it is noted that the fill or not the object position depends on factors such as animacy, specificity and semantic gender of the referent.

Keywords: Null object. Semantic constraints. Brazilian Portuguese.

Introdução

O objeto nulo (ON) no português brasileiro (PB) tem sido foco de diferentes estudos. Entre as pesquisas que investigam esse fenômeno sintático, parece haver ao menos duas questões ainda não consensuais: uma delas diz respeito aos condicionamentos semânticos para o uso do objeto preenchido ou nulo, isto é, ao papel de traços como animacidade e especificidade do referente; a outra questão se refere à classificação do ON no PB, ou seja, a que tipo de categoria vazia o objeto nulo corresponde. Neste trabalho pretendemos retomar brevemente a questão que envolve as restrições semânticas de uso do ON ou objeto preenchido mediante uma análise de resultados de estudos sobre ON no PB. Ressaltamos que o estudo diacrônico de Cyrino (1994) é de leitura fundamental para entender as razões pelas quais o objeto nulo surgiu no PB e se constituiu em um caso de mudança linguística, bem como para ter uma visão crítica e detalhada sobre a classificação do objeto nulo do português brasileiro no escopo da teoria gerativa. O texto que apresentamos aqui não adentra em dados diacrônicos nem na natureza do objeto nulo no português, mas limita-se a explicar de forma breve o fenômeno e, na seção 2, discutir os condicionamentos semânticos para o uso de ON ou preenchido.

1 Objeto nulo

Não saliente ao falante nativo do PB, o fato de podermos nos referir a uma categoria apresentada anteriormente na situação discursiva mediante uma categoria foneticamente nula na posição de objeto tem sido abordado em diferentes pesquisas, de artigos a teses de doutorado. Vejamos a construção em (1) a seguir:

- (1) Você conhece o seriado *Lie to me*? Assisti ____ ontem e achei ____ interessante.

Em (1) o argumento interno dos verbos *assistir* e *achar* não é preenchido foneticamente, no entanto, qualquer falante do PB reconhece a gramaticalidade dessa construção.

O fenômeno do objeto nulo é apontado como um dos traços que distingue o PB das demais línguas românicas. Apresentamos em (2) frases mostradas por Cyrino e Reich (2002, p. 10) como correspondentes em inglês, alemão e algumas línguas românicas da

seguinte frase do PB: “Cê tem que lavar $\emptyset$ antes de pôr $\emptyset$!” (situação: A falando para B; B quer pôr arroz em uma panela):

(2)

Ing.: You have to wash **it** before you put **it**!

Al.: Du mußt**(ih)n** waschen bevor du **(ih)n** reinschüttest!

Esp.: Tienes que lavar**lo** antes de poner**lo**!

Fr.: Tu dois **le** laver avant de **le**mettre!

It.: Debi lavar**lo** prima di metter**lo** dentro!

Rom.: Trebuie să-**l** speli înainte de a-**l** pune!

PE: Tu tens que lavá-**lo** antes de pô-**lo**.

Como é possível notar, línguas como inglês, alemão, italiano, espanhol, francês, romeno e português europeu (PE) apresentam a posição de objeto preenchida, enquanto no PB a construção com objeto nulo é a mais natural¹. Convém notar que nesse caso o objeto nulo não é anafórico, como em (1), mas dêitico, tendo em vista que o referente é um elemento da situação discursiva. Além disso, conforme Lopes e Cyrino (2005), o uso de ON no PB é relativamente livre e pode ocorrer em ilhas sintáticas, contextos que o PE não admite ON, a exemplo de (3):

(3) O rapaz que trouxe ____ agora mesmo da pastelaria era o teu afilhado.

A sentença em (3) é agramatical no PE, no entanto, poderia perfeitamente ser produzida em PB como resposta, por exemplo, à sentença “Quem trouxe esses pastéis?”. Cyrino e Reich (2002, p. 11) afirmam também que o ON pode aparecer no PB mesmo que haja uma distância referencial relativamente grande entre o antecedente e a categoria foneticamente nula na posição de objeto, como no exemplo reproduzido em (4) a seguir:

¹ Campos (1986, p. 354) afirma que o objeto nulo pode ocorrer no espanhol quando o referente é o tópico da situação discursiva e tiver interpretação indefinida, a exemplo de: A: - ¿Compraste café? B: - Si, compré ____.

A: **a gaiola_i** é melhor colocar **ø_i** aqui fora | né |

B: aqui fora? |

A: ah | é melhor | tem coberto | você pode pôr um prego aqui | pendura **ø_i** | põe um prego lá fora também | porque aí cê põe para tomar sol |

(CYRINO; REICH, 2002, p. 11)

Embora a ocorrência de ON no português brasileiro seja relativamente livre em termos sintáticos, estudos como o de Duarte (1989) e Cyrino (1994) apontam condicionamentos semânticos para uso do objeto nulo no PB. O principal deles refere-se ao traço [$\pm$ animado] do referente: quando o referente no discurso é positivamente marcado para esse traço, isto é, [+ animado], a preferência no PB é pelo preenchimento do objeto. Vejamos a construção em (5):

(5) Você já conhece a nova vizinha? Encontrei *ela* ontem no elevador.

Em (5) o verbo *encontrar* tem seu argumento interno preenchido com pronome nominativo *ela* (outra diferença do PB em relação ao PE, que utilizaria o acusativo *a* (Encontrei-a ontem no elevador)), ao passo que, como vimos em (1), o uso do pronome nulo é mais natural quando o referente é marcado negativamente para o traço de animacidade.

Desde os primeiros estudos sobre o objeto nulo no PB, o traço [$\pm$ animado] do referente tem sido apontado como o principal fator a influenciar a escolha pelo preenchimento ou não da posição de objeto; o papel do traço **especificidade** passa a ser analisado posteriormente, e o de **gênero semântico** somente nos estudos mais recentes. A seção 2 será dedicada a uma retomada de resultados de alguns estudos no que se refere aos condicionamentos semânticos do uso do objeto nulo/ preenchido.

2 Condicionamentos semânticos e realização do objeto direto anafórico

Duarte (1989) realizou uma análise sociolinguística do uso do objeto direto

anafórico a partir de dados de fala de 50 paulistanos (entrevistas; 40 horas de gravação) e da linguagem televisiva (novelas (4 horas) e entrevistas (4 horas)). De um total de 1.974 dados de objeto direto anafórico, a autora encontra a seguinte distribuição: 1.235 categorias vazias (objeto nulo) (62,6%); 338 sintagmas nominais anafóricos (17,1%); 304 pronomes lexicais (15,4%); e 97 clíticos (4,9%). Esse resultado indica o uso majoritário de objeto nulo em seus dados.

No que se refere ao condicionamento semântico do preenchimento do objeto, os resultados de Duarte (1989) mostram que o uso do pronome lexical é condicionado pelo traço [+ animado] do referente, ao passo que o uso de objeto nulo e de SNs anafóricos é condicionado pelo traço [- animado] do antecedente, como pode ser visualizado Tabela 1, a seguir:

Traço	Variantes							
	clítico		pronome lexical		SN		[SNe] (i. e., objeto nulo)	
	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%
[+ animado]	76	78,4	281	92,4	99	29,3	293	23,7
[- animado]	21	21,6	23	7,6	239	70,7	942	76,3
Total	97	100,0	304	100,0	338	100,0	1.235	100,0

Tabela 1: Distribuição das variantes usadas segundo o traço semântico do objeto

Fonte: Duarte (1989, p. 24)

Como se pode observar na Tabela 1, embora não seja categórico, o uso de objeto nulo está fortemente condicionado pelo traço [- animado] do referente (76,3%), ao passo que a posição de objeto tende a ser preenchida com clítico ou pronome lexical se o antecedente for [+ animado]. O uso de sintagmas nominais na posição de objeto também é preferido se o antecedente for [- animado], como indica o percentual de 70,7%. Assim, conforme tal resultado, antecedente [- animado] tende a ser retomado por ON ou por sintagma nominal, e antecedente [+ animado] por pronome.

Uma das pesquisadoras que vem realizando uma série de estudos sobre o objeto nulo no PB é Cyrino. Em sua tese de doutorado (Cyrino, 1994), a autora desenvolveu uma

pesquisa diacrônica sobre a realização da posição de objeto no PB a partir de peças de teatro (século XVI ao XX), que, conforme defende Cyrino, são os dados de escrita que mais se aproximam da língua falada. Os resultados indicam que, embora desde o século XVI ONs estivessem presentes na língua, século após século foram ficando mais frequentes em relação ao preenchimento de objeto. Conforme a análise da autora, no século XVI o objeto nulo com antecedente proposicional (elipse de sentença) aparecia em 23% dos casos (23/99). O surgimento do ON, portanto, ocorre primeiro com a elipse do clítico neutro “o”. O uso de nulo com esse tipo de referente ganha espaço e, no século XIX, atinge um percentual de 83%, época em que o objeto nulo com DP antecedente não havia atingido 50% dos dados. A autora aponta a influência de dois traços semânticos no que se refere ao preenchimento da posição de objeto: $[\pm \text{animado}]$ e $[\pm \text{específico}]$ (um rapaz, uma revista; o rapaz, a revista). Além da restrição quanto à animacidade, a autora mostra que, a partir do século XIX, o PB passa a ter objeto nulo quando o antecedente é $[+ \text{específico}]$. Além disso, nos dados do século XX, ocorre realização categórica de pronomes plenos em posição de objeto quando o referente é $[+ \text{animado}, + \text{específico}]$ (a menina), e realização praticamente categórica de objeto nulo se o antecedente é $[- \text{animado}, - \text{específico}]$ (uma boneca); quando o referente é $[+ \text{animado}, - \text{específico}]$ (uma menina) há cerca de 50% de ocorrências de objetos nulos². Do século XIX para o século XX, o traço de especificidade parece atuar de modo especial sobre antecedentes $[- \text{animado}]$: no século XIX, objetos nulos apareceram em 49% das ocorrências com antecedentes $[- \text{animado}, + \text{específico}]$; no século XX, com esse mesmo tipo de antecedente, 87% das ocorrências foram de objeto nulo, fazendo crer que o traço $[\pm \text{específico}]$ também passou a ter papel na realização do objeto no PB.

Luize (1997) realizou estudo sociolinguístico sobre o preenchimento variável da posição de objeto direto no PB. A autora investigou o fenômeno a partir de 24 entrevistas sociolinguísticas com falantes de Florianópolis (Projeto VARSUL), com a hipótese de que, tendo em vista a capital catarinense ter sido colonizada por imigrantes açorianos, os falantes florianopolitanos poderiam apresentar uso diferenciado de estratégias para preenchimento do objeto, uma vez que o PE se distingue do PB com relação tanto ao uso de objeto nulo quanto ao uso de clítico, isto é, a autora esperava encontrar influência sintática do PE sobre o português falado na ilha. Os resultados em percentuais e de condicionamento

² Vejamos os seguintes exemplos (LOPES e CYRINO, 2005):

A: O policial insultou o preso antes de torturar *___/ ele.

A': O policial geralmente insulta presos antes de torturar ___/ ? eles.

Nesses dois exemplos, segundo as autoras, o fato de o referente ser definido (o preso) ou indefinido (neste caso um nome nu, sem determinante (preso)) indica que especificidade tem papel na escolha entre uso de ON ou pronome lexical.

do traço [$\pm$ animado] confirmam a análise de Duarte (1989) de que há preferência por ON e esse uso é condicionado ao traço [- animado] do referente. De um total de 1.282 dados, 54% (691) são objetos nulos, 36% são SNs (460), 9% são pronomes retos (116), 1% são clíticos (13) e há apenas duas ocorrências de pronome *lhe*. O baixo percentual de uso de clíticos e o uso de pronomes retos em posição acusativa indicam que o português florianopolitano não difere das demais variedades do PB nesse aspecto, de modo que não se confirma a hipótese relacionada à influência do PE na sintaxe do português falado em Florianópolis.

No que se refere ao papel do traço [$\pm$ animado], os resultados de Luize (1997) mostram o seguinte quadro: o objeto direto anafórico cujo antecedente é [- animado] é realizado como objeto nulo em 63% dos casos (N= 426), como SN em 36% (N= 244) e como pronome em apenas 1% das realizações (N= 6); diferentemente dos resultados de Duarte (1989), com antecedentes [+ animado] objetos nulos continuam sendo mais frequentes em relação às demais realizações, representando 44% dos dados (N=157); pronomes ocupam a segunda posição, com 31% dos dados (N=116); e SNs são minoria, com 25% (N= 87). Esse resultado confirma o papel que o traço [+ animado] tem sobre o uso de pronome como objeto anafórico, no entanto, há também uso frequente de ON com antecedente [+ animado]. Embora o número de ocorrências de ON com antecedente com traço [- animado] seja mais que o dobro de antecedentes com o traço [+ animado] (423 [- animado] x 157 [+ animado]), esse resultado mostra que ter antecedente [- animado] não implica na realização do ON no PB, embora iniba o uso do pronome, como indica o baixo percentual de uso de pronome com antecedente [- animado] (1% / 6 realizações).

Quanto ao papel do traço [$\pm$ definido] do referente (ou seja, [$\pm$ específico])³, os resultados de Luize (1997) indicam que essa variável não mostra um condicionamento claro, uma vez que o uso de ON é majoritário em relação às demais possibilidades de uso do objeto independentemente da especificidade do referente. Com antecedente [+ definido], 52% das realizações são de ON; 15% são com pronome e 33% são de SNs. Com antecedente [-definido], 58% são ON, 5% realizam-se como pronomes e 37% como SNs. Associando-se os traços [$\pm$ definido] e [$\pm$ animado], Luize (1997) encontra a distribuição mostrada a seguir na Tabela 2:

³ Casagrande (2007, p. 52-56) discute a diferença entre definitude e especificidade a partir do trabalho de Ihsane e Puskás (2001). Conforme Ihsane e Puskás (2001), definitude se refere à seleção de um objeto em uma classe de objetos possíveis e a especificidade relaciona-se a elementos pré-estabelecidos no discurso. Nos estudos sobre ON no PB, a noção de especificidade parece corresponder à de definitude (no trabalho de Cyrino, Nunes e Pagotto (2009) fica claro tal entendimento), por isso, neste ensaio não nos deteremos em uma análise refinada sobre tal diferença, até mesmo porque tal análise demandaria um estudo de maior fôlego.

		Obj. nulo		pronome		SN		TOTAL
definitude	[± animado]	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.
[+definido]	[+ animado]	142	44	102	32	76	24	320
	[- animado]	229	59	4	1	158	40	391
[-definido]	[+ animado]	15	44	9	26	11	31	35
	[- animado]	96	60	2	1	61	38	159
TOTAL	[+ animado]	157	44	111	31	87	24	356
	[- animado]	423	63	6	1	244	36	673
	TOTAL	580	56	116	11	331	32	1027

Tabela 2: Distribuição conforme definitude e animacidade (Luize (1997) – adaptado)

Fonte: Luize (1997, p. 75)

Nessa amostra, objetos nulos são utilizados mais frequentemente mesmo quando o referente é [+ animado, + definido], como indica o percentual de 44% (142 ocor.) contra 32% de pronomes e 24% de SNs. A obscura influência do traço [± definido] aparece ao compararmos o percentual de uso de objeto nulo com referente [+ animado]: 44% de nulos com referente [+ definido, + animado] e os mesmos 44% de nulos para referente [-definido, + animado], ou seja, atentando apenas para os percentuais, o fato de o antecedente ser [+ definido] ou [- definido] não influencia o uso de ON com antecedente [+ animado], embora em número de ocorrências [+ animado, + definido] supere largamente [+ animado, - definido] (142 *versus* 15). Quanto ao uso do pronome, no entanto, há um leve decréscimo do uso com referente [+ animado] se ele for também [- definido]: com referente [+ animado, + definido] o pronome pleno aparece em 32% dos dados, e com referente [+ animado, - definido] aparece em 26% dos casos. Nesse aspecto é importante atentar para a diferença no número de ocorrências, uma vez que há 102 ocorrências de antecedente [+ animado, + definido] e apenas 9 dados com antecedente [+ animado, - definido], ou seja, não há uma amostra equilibrada para cada tipo de ocorrência, de modo que possivelmente aumentando-se o número de dados os resultados poderiam ser significativamente alterados.

Lopes e Cyrino (2005) analisam dados de duas crianças em fase de aquisição de

linguagem e mostram que os traços de animacidade e especificidade do antecedente condicionam o uso de objeto nulo ou preenchido desde a aquisição. Mostramos na Tabela 3 os percentuais médios do uso de ON para cada criança⁴ e os resultados obtidos por Cyrino (1994) para o século XX em sua tese.

Criança	[- anim./+ espec.]	[+ anim./+ espec.]	[- anim./- espec.]	[+ anim./- espec.]
AC	66,6% (70/105)	33,4% (8/22)	100% (30/30)	0
R	83,6% (117/ 140)	47,6% (10/21)	41,2% (7/17)	0
XX	87% (64/74)	0	93% (27/29)	57% (4/7)

Tabela 3: Percentuais médios de uso do ON pelas crianças e resultados do século XX (Lopes e Cyrino, 2005)

Fonte: Lopes e Cyrino (2005)

Como se pode notar, nenhum caso de retomada de antecedente [+ animado, - específico] ocorre nos dados infantis, e nos dados diacrônicos há poucas ocorrências desse tipo de antecedente (seria o caso de *presos*, no exemplo mostrado na nota 2, retirado de Lopes e Cyrino (2005)). Conforme as autoras, especificidade mostra ter papel no uso de ON pelas crianças, tendo em vista que o uso de ON com referente [- anim./+ espec.] supera substancialmente o uso com antecedente [- anim./- espec.] nos dados de R, embora o mesmo não se confirme considerando o conjunto dos dados de AC. Uma questão apontada pelas autoras refere-se à animacidade, uma vez que o uso de ON é relativamente alto com antecedentes [+ anim./+ espec.]: 33,4% para AC e 47,6% para R. Esse resultado, no entanto, parece estar relacionado à fase inicial de aquisição, uma vez que nessa fase as crianças omitem o objeto direto de forma relativamente generalizada, como discute Casagrande (2007).

Considerando-se os estudos discutidos até aqui, então, pode-se fazer duas observações quando às restrições semânticas para objeto anafórico nulo ou preenchido no PB: antecedente [- animado] atua para o uso do objeto nulo e [+ animado] para o uso do pronome; o papel do traço [± específico] do referente não é tão claro – Cyrino (1994) e Lopes e Cyrino (2005) indicam que [± específico] teria papel associado a [± animado], com antecedente [+ animado, - específico] ou [- animado, + específico] conduzindo ao uso de

⁴ As autoras analisam também separadamente por período, pois a coleta foi longitudinal.

ON, ao passo que os resultados de Luize (1997) não mostram que definitude/especificidade claramente condiciona o uso de ON.

Outro estudo que contribui para o entendimento do uso do ON no PB é o de Menuzzi e Creus (2005), que investigam o papel do gênero semântico do antecedente para o uso de ON e pronome pleno na posição de objeto no PB. A hipótese dos autores é de que se o antecedente não possui gênero semântico identificável (alguma pessoa/ um profissional) o objeto nulo é usado, ao passo que se o antecedente possui gênero semântico (uma menina/ Maria/ aquele rapaz loiro), ocorre uso do pronome pleno. Os autores analisaram dados do VARSUL e do NURC e construíram um instrumento para julgamento de frases, aplicado a alunos jovens da PUCRS, em Porto Alegre. O Quadro 1 a seguir mostra as categorias e antecedentes utilizados nas frases-teste, combinando os traços animacidade, especificidade e gênero semântico.

antecedentes	categorias
<i>alguma pessoa cega, um profissional</i>	[+a, -e, -gs]
<i>um menino, uma menina</i>	[+a, -e, +gs]
<i>sua filha, aquele rapaz</i>	[+a, +e, +gs]
<i>alguns turistas</i>	[+a, -e, -gs]

Quadro 1: Distribuição por categorias de antecedente

Fonte: Menuzzi e Creus (2005 – adaptado)

Os resultados obtidos por Menuzzi e Creus (2005) confirmam parcialmente a hipótese inicial. Com a categoria [+ animado, - específico, - **gênero semântico**], houve 67,9% de ocorrências de objeto nulo e 35,1% de pronomes plenos, confirmando parcialmente a hipótese, uma vez que o esperado considerando-se apenas o traço animacidade era que antecedentes [+ animado] requeressem majoritariamente pronome na posição de objeto. Quando o antecedente era [+ animado, - específico, + **gênero semântico**], os percentuais se invertem, e os pronomes plenos é que são preferidos, com 74,2% de frequência, contra 25,8% de objetos nulos. Esses dois resultados mostram o papel do gênero semântico na escolha pela forma nula ou preenchida, mesmo que haja variação, ou seja, mesmo que não se observe uso categórico de um ou outro tipo de argumento

verbal. Os resultados indicaram também o uso mais frequente de pronome pleno com antecedente [+ animado, + específico, + gênero semântico], com 71% de ocorrência. Além disso, praticamente não houve diferenças percentuais entre antecedentes [+ animado, + específico] e [+ animado, - específico] com gênero semântico identificável, pois ambos favoreceram o uso de pronome, resultado que entra em conflito especialmente com a hipótese de Lopes e Cyrino (2005).

Menuzzi e Creus (2005) esperavam inicialmente que houvesse uma distribuição mais polarizada dos resultados, no entanto, o papel do gênero semântico sobre o uso de pronome pleno ou objeto nulo ficou comprovada, isto é, houve uso mais frequente de pronome pleno quando o antecedente mostrava gênero semântico identificável. Os autores sustentam que os traços [$\pm$ animado] e [$\pm$ específico] do antecedente não são fundamentais, mas decorrem dos efeitos acionados pela presença ou não de gênero semântico. Essa hipótese e o resultado obtido no estudo têm relevância por apontar uma nova variável a ser observada nos estudos sobre ON no PB a serem conduzidos.

Mostraremos agora um estudo que analisou parcialmente seus dados a partir da hipótese de Menuzzi e Creus (2005). Trata-se do estudo de Casagrande (2007), que investiga em sua dissertação de mestrado dados de fala infantil (3 crianças) para verificar a aquisição do objeto direto anafórico no PB. Seus dados confirmam a preferência pelo objeto nulo no português do Brasil e mostram que, na aquisição de linguagem, objetos são em sua maioria omitidos na fase inicial, mesmo em línguas não-objeto-nulo, como o italiano, por exemplo, isto é, crianças adquirindo línguas em que ON não é licenciado na gramática adulta realizam inicialmente omissão de objeto direto. Com o passar do tempo, em línguas que permitem ON, como o PB, essa categoria vazia passa de dêitico para anafórico, e, nas línguas que não permitem ON, a omissão começa a dar lugar ao clítico, até ser totalmente eliminada da gramática, ou seja, até o clítico se generalizar. De modo geral, a pesquisa de Casagrande (2007) confirma a análise de Lopes e Cyrino (2005) com relação ao papel de especificidade e animacidade para a alternância entre objeto nulo e pronome lexical no PB em dados de fala infantil. A hipótese de Menuzzi e Creus (2005) quanto ao papel de gênero semântico, no entanto, é parcialmente confirmada em dados como o retomado aqui em (6):

(6)

CRI: vou tila [*] o bicho.

INV: tirar o bicho?

(...)

INV: vamos matar esse bicho pra ele não fazer dodói, né?

(...)

CRI: vamos matar **ele**. (AC, 2;3,0)

(CASAGRANDE, 2007, p. 170)

Segundo análise da autora, embora *bicho*, do ponto de vista da gramática adulta, seja classificado como [+ animado, + específico, - gênero semântico], e, portanto, conforme a proposta de Menuzzi e Creus (2005), seria retomado pelo ON, os dados infantis mostram que a criança generaliza gênero gramatical como gênero semântico, de modo que *bicho* parece ser classificado na categoria sexo masculino⁵. Essa generalização explica o uso de pronome lexical *ele* para retomar *bicho* e corrobora a hipótese de Menuzzi e Creus (2005).

O estudo mais recente que por fim abordaremos é o de Cyrino, Nunes e Pagotto (2009), que investigam a realização do objetivo direto anafórico em uma amostra de 280 dados do NURC (Norma Urbana Culta) e encontram uma clara preferência pelo ON, com 158 ocorrências (56%). Sintagmas nominais aparecem em 74 dados (26%) e pronomes acusativos (o/ a) ocupam a segunda posição em termos de preenchimento, com 33 dados (12%). O uso dos pronomes acusativos é característico de uma fala mais cuidada, de modo que esse resultado está fortemente relacionado à constituição da amostra do NURC. Ocorrem também demonstrativos (10 ocorrências; 4%) e os pronomes *ele(s)/ela(s)*, sendo estas as formas menos utilizadas para preenchimento de objeto direto anafórico, o que novamente aponta para o tipo de amostra.

Com relação ao papel das características do referente para a realização do objeto direto anafórico, os autores se restringem à verificação do papel do traço [$\pm$ animado], como se pode verificar na Tabela 4, a seguir, em que é reproduzido esse resultado:

	[ø]	SN	o(s)/a(s)	demonstrativo	ele(s)/ela(s)	Total
+ animado	26 (38,2%)	14 (20,5%)	24 (35,2%)	0 (0%)	4 (5,8%)	68
- animado	132	60	9 (4,2%)	10 (4,7%)	1 (0,4%)	212

⁵ Casagrande (2007, p. 170-171) retoma os dados de Figueira (2004) para evidenciar que a criança supergeneraliza gênero pelos morfemas de classe –o e –a, em produções como *pobra* (menina pobre), *idioto* (prédio idiota) e *carra/ carrinha* (a menina/ informante, afirmando que ela é um carro).

	(62,2%)	(28,3%)				
	158 (56,4)	74 (26,4%)	33 (11,7%)	10 (3,5%)	5 (1,7%)	280

Tabela 4: Realização do objeto direto anafórico por animacidade do antecedente (Cyrino, Nunes e Pagotto (2009))

Fonte: Cyrino, Nunes e Pagotto (2009, p. 81)

Como é possível notar, o uso de ON ([ø]) é majoritário com antecedente [-animado] (62,2%) e cai consideravelmente com antecedente [+ animado] (38,2%). Ainda assim, se comparado às demais formas de preenchimento com antecedente [+ animado], o uso de ON é o mais recorrente, embora pouco se diferencie do preenchimento com pronome átono (26 ocor. X 24 ocor.). O que vê, portanto, é a clara preferência pelo objeto nulo em caso de antecedente [- animado], mas, como nos demais estudos, esse resultado não é categórico e mostra que há outras variáveis atuando sobre o processo.

Considerações finais

Diante da discussão apresentada, é possível notar que, embora o papel de animacidade e especificidade do referente sobre o uso de ON no PB já tenha sido apontado em diversos estudos, a preferência pelo preenchimento ou não dessa posição não obedece apenas a essas duas variáveis – dada a realização variável apontada pelos estudos –, de modo que traços como gênero semântico também parecem ter papel sobre o fenômeno. Todos os estudos apontam fortes tendências, ou seja, uma preferência pelo uso de objeto preenchido ou pelo ON a depender de traços do referente. Essa característica do fenômeno implica que, a fim de que se entenda o papel dos traços do referente sobre o uso do ON ou da posição preenchida, os estudos a serem realizados precisarão considerar não apenas animacidade (como o estudo de Duarte (1989) e Cyrino, Nunes e Pagotto (2009)), ou animacidade e especificidade (como Cyrino (1994), Luize (1997)), mas a relação entre animacidade, especificidade e gênero semântico, tendo em vista a validação parcial da hipótese de Menuzzi e Creus (2005) e, em se tratando de aquisição de linguagem, os resultados de Casagrande (2007).

Referências

- CAMPOS, H. Indefinite object drop. *Linguistic Inquiry*. v. 2: 1986. p. 354-359.
- CASAGRANDE, S. *A aquisição do objeto direto anafórico no português brasileiro*. 2007. 213 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- CYRINO, S.M.L. *O objeto nulo no português do Brasil: estudo sintático-diacrônico*. 1994. 229f. Tese (Doutorado em Ciências) – Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas.
- CYRINO, S.M.L.; REICH, U. Uma visão integrada do objeto nulo no português brasileiro. *Romanistisches Jahrbuch*, n. 52, 2002.
- CYRINO, S.M.L.; NUNES, J.; PAGOTTO, E. Complementação. In: CASTILHO, A.T. de. KATO, M. A; NASCIMENTO, E. do. *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Pontes, 2009. v.3. A construção da sentença. p. 47-95.
- DUARTE, M.E.L. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, F. (Org.) *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: Pontes, 1989, p. 19-34.
- FIGUEIRA, R. A. A criança na língua: marcas de subjetivação na aquisição do gênero. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v. 39, n. 3, set. 2004. p. 61 – 74.
- IHSANE, T.; PUSKÁS, G. Specific is not definite. In: *Generative Grammar in Geneva*. 2: 2001. p. 39 – 54. Disponível em: <<http://www.unige.ch/lettres/linge/syntaxe/journal/2/3.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2014.
- LOPES, R.E.V.; CYRINO, S.M.L. Evidence for a cue-based theory of language change and language acquisition: The null object in Brazilian Portuguese In: Geerts, Twan; Jacobs, Haïke (eds.). *Romance Languages and Linguistic Theory*. Amsterdam: John Benjamins, 2005. ms.
- LUIZE, T. B. *Entre o português europeu e o português brasileiro: o falar açoriano de Florianópolis*. 1997. 127f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Pós-Graduação em Letras/ Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- MENUZZI, S.; CREUS, S. O papel do gênero na alternância entre objeto nulo e pronome pleno em português brasileiro. *Anais do 6º Encontro Celsul – Centro de Estudos Linguísticos do Sul*, 2005.

IVANETE MILESKI

Doutoranda em Letras (área de concentração: Linguística) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestre em Letras pelo mesmo programa. E-mail: ivanetemileski@gmail.com.